

humanitas

Vol. LI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LI • MCMXCIX



últimos anos é que a investigação sobre a retórica grega pós-aristotélica recebeu a atenção de George Kustas, George A. Kennedy, Annabel Patterson, Debora Shuger e John Monfasani, com frutos que parecem apaixonar os estudiosos.

Neste livro, Luisa López Grigera traz um contributo novo para o estudo daqueles que, como Paul Oskar Kristeller (*Renaissance Thought and its Sources*, New York, Columbia Univ. Press, 1979), chamaram a atenção para a singular importância da cultura bizantina sobre o Renascimento Europeu e sobre o mundo ocidental.

Parece-me portanto inegável o interesse desta obra, até para o estudo do Renascimento e do Barroco literário em Portugal (quer se trate de literatura neolatina, quer de literatura portuguesa), se quisermos abordar a literatura do nosso Humanismo sem interpretações apriorísticas de quem reduz a uma só peça a riquíssima tradição retórica Antiga.

Margarida Miranda

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO – *Para a história do humanismo em Portugal*. III. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (Colecção Temas Portugueses), 1998, 306 pp.

Um terceiro volume, que aparece agora, na sequência de outros dois já publicados com o mesmo título, em 1988 e 1994.

Recorde-se que o primeiro volume, *Para a história do humanismo em Portugal* I, foi agraciado com o prémio Laranjo Coelho, atribuído pela Academia Portuguesa de História, que distingue o mérito científico e a dedicação do reconhecido investigador.

A actual obra apresenta uma sugestiva capa com o retrato da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, emoldurado por um puro vermelho e o título a branco.

É uma colectânea de estudos que se compõe de três partes: as duas primeiras têm por referência a figura luminar do nosso primeiro humanismo, o italiano Cataldo Parísio Sículo («Humanismo no tempo de Cataldo»; «Humanismo depois de Cataldo»); a terceira centra-se no conciliador humanismo cristão dos Jesuítas («José de Anchieta» e «Os quatro fidalgos japoneses (1582-1590)». Acresce ainda uma última secção, intitulada «Recentiora».

Não se trata apenas de um repositório de trabalhos já publicados, pois engloba importantes estudos inéditos: «II. Cataldo e a Expansão Ultramarina»; «VII. Erasmo em Portugal no séc. XVI»; «XXV. A Missão Japonesa (1582-1590)»; «XXVII. Os quatro fidalgos japões em Coimbra (1585)».

Na primeira parte (pp. 15-60), apresentam-se os alvares do Humanismo Renascentista entre nós.

Os numerosos trabalhos publicados na Universidade de Coimbra, designadamente os saídos, nos últimos trinta anos, do Seminário de Latim Renascentista,

orientado pelo Prof. Costa Ramalho, permitem concluir que, apesar do empenhamento português nas campanhas do Norte de África e na gesta marítima, o país mantém laços estreitos com a cultura europeia. A influência italiana, bem documentada no primeiro capítulo, «Origem e início do humanismo em Portugal» (pp. 15-34), manter-se-á até à terceira década do séc. XVI. Referência especial é feita aos italianos Estêvão de Nápoles e Mateus de Pisano, Justo Baldino e Cataldo Parísio Sículo. Este último é apontado como o introdutor do Humanismo em Portugal.

O poema épico *Arcitínges* de Cataldo Parísio Sículo, exemplo do clima épico que já se vivia em Portugal, no fim do séc. XV, relata a conquista de Arzila e Tânger em 1471, por D. Afonso V. Nele se faz apelo aos heróis gregos e romanos para enaltecimento dos feitos portugueses, numa referência que depois se vai repetir e cristalizar nos versos de *Os Lusíadas* («Cataldo e a expansão portuguesa», pp. 35-42).

Não faltaram também portugueses que se celebrizaram em Itália, em cujas universidades se formaram. Notável entre estes figura Henrique Caiado, o português mais célebre além-fronteiras, incluído nas antologias de poesia novilatina europeia («Um epigrama de Henrique Caiado», pp. 49-52).

Já na segunda parte («Humanismo depois de Cataldo», pp. 61-167) o autor faz referência a André de Resende, Damião de Góis e Diogo de Teive que continuam a gratificante tarefa de transmitir à Europa a ingente empresa dos descobrimentos portugueses («Os humanistas e a divulgação dos descobrimentos», pp. 135-154). Distinguiu-se D. Jerónimo Osório, o «Cícero português», que elevou bem alto o nome de Portugal, no *De Rebus Emmanuelis Gestis*, fonte de inspiração para a descrição do naufrágio da nau de Albuquerque no Livro I dos *Essais* («Montaigne e o naufrágio de Albuquerque», pp. 161-164). O espírito heróico e apelo da *guerra santa* contra os mouros, lançam o monarca inexperiente, o rei D. Sebastião, na campanha fatídica do Norte de África («Mazagão», pp. 155-160).

Em 1492, Cristóvão Colombo chega à América, se bem que o navegador genovês estivesse convencido que tinha atingido a Índia. Ubertino Carrara, no poema épico *Columbus*, publicado em 1715, dá mostras de conhecer a nossa epopeia dos descobrimentos, *Os Lusíadas*, traduzidos para Latim por Frei Tomé de Faria («Colombo e Gama num poema novilatino», pp. 165-170).

O primeiro documento literário da expansão portuguesa, e simultaneamente o primeiro livro do Humanismo Renascentista em Portugal, data de 1460 e foi escrito pelo italiano Mateo de Pisano: *Gesta Illustrissimi Regis Iohannis De Bello Septensi acta per Reverendum Matthaëum de Pisano, Artium Magistrum Potamque Laureatum*. É uma crónica da tomada de Ceuta em 1415, no reinado de D. Afonso V.

Data de 1499, um elogio das letras por Cataldo Parísio, numa carta enviada a Martim de Sousa, que se encontrava no Norte de África. Enaltece-lhe a decisão de ter chamado de Sevilha um professor para ensinar latim aos seus soldados, («Os humanistas e a divulgação dos descobrimentos», pp. 135-154), não obstante Inácio de Moraes escrever que os *Germani* «vão à frente e superam de longe todos os outros homens, em cultura e conhecimento das línguas», opinião corroborada por André de Resende: «a Alemanha que, no nosso tempo, disputa a palma das belas letras com a Itália» («Duas opiniões sobre os *Germani* no Portugal quinhentista», pp. 131-134).

Erasmus de Roterdão também exerceu o seu fascínio sobre os literatos portugueses. Celebrado por Henrique Caiado ou André de Resende, é vituperado por Aires Barbosa e mesmo silenciado por Jerónimo Cardoso, apesar do uso que faz dos *Adagia* no seu *Dictionarium* («Erasmus em Portugal no séc. XVI», pp. 71-80). António Luís atreve-se mesmo a corrigir-lhe o opúsculo de Galeno *Exortação ao Estudo das belas Artes*, onde se opõe a perenidade da *humanitas* à inanidade da glória mundana dos heróis populares, um tema caro a Erasmo («António Luís, corrector de Erasmo», pp. 81-90).

O tópico humanista do elogio das cidades («Nótula sobre o brasão de Coimbra», pp. 117-126), a presença de Cícero nos humanistas através da menção de Terámenes («Terámenes nos humanistas portugueses», pp. 113-116), o relato do casamento frustrado da Infanta D. Maria, irmã de D. João III, com Filipe de Espanha («Uma indiscrição de Diogo de Teive», pp. 91-96), a referência a uma querela religiosa, numa sátira à religião popular, à maneira de Erasmo («O poema *De Superstitionibus Abrantinorum*, de Pedro Sanches», pp. 97-108) e o comentário a «Dois ditos portugueses» (pp. 127-130), constituem alguns exemplos da cultura vastíssima do filólogo e historiador das ideias atento e perspicaz, como é o Prof. Costa Ramalho.

«José de Anchieta» (pp. 167-205) é o título da terceira parte.

Nascido em Tenerife, nas Ilhas Canárias, no dia 19 de Março de 1534, o Apóstolo do Brasil chegou a Coimbra em 1548, na companhia de seu irmão Pedro, que se destinava à Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, onde leccionava o famoso canonista Martinho de Azpilcueta, basco como seu pai. Em 1551, entra para a Companhia de Jesus e a 8 de Maio de 1553 parte para o Brasil. Aportou à Bafa no dia 13 de Setembro deste ano.

A frequência do Colégio das Artes, aberto solenemente em 21 de Fevereiro de 1548, e as actividades circum-escolares desta cidade universitária proporcionam ao *canário* de Coimbra uma indelével formação humanista («I. José de Anchieta em Coimbra», pp. 171-180; «II. Estudante no Colégio das Artes», pp. 180-191).

Esta experiência coimbrã, num dos períodos mais brilhantes daquela escola, influenciará o distinto poeta e atento observador da natureza, que se revela no seu poema *De Gestis Mendí de Saa*, «um dos mais belos exemplares da épica novilatina renascentista», cuja fixação do texto latino e tradução, «digna de encómios», são feitas pelo Pe Armando Cardoso. O prestigiado mestre, Prof. Costa Ramalho, faz a revisão à terceira edição, publicada em São Paulo, pelas Edições Loyola, em 1986 («Padre Joseph de Anchieta, S. I., *De Gestis Mendí de Saa*», pp. 203-205).

Para o Professor brasileiro Leodegário A. de Azevedo Filho, Anchieta foi um autor, um homem da Idade Média e do Barroco, sem passar pelo Renascimento. Sabe latim pela sua formação eclesiástica, não por ser renascentista. Posição polémica e sem fundamento («As poesias de Anchieta em português. Estabelecimento do texto e apreciação literária», pp. 193-196; «A obra de Anchieta e a literatura novilatina em Portugal», pp. 197-202).

Chamamos ainda a atenção para dois valiosos estudos sobre José de Anchieta que foram apresentados no I Congresso Internacional *Humanismo Novilatino e*

Pedagogia: gramáticas, criações maiores e teatro, em Braga, e no Congresso Internacional *Anchieta em Coimbra. 450 anos. Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*.

A quarta parte, intitulada «Os quatro fidalgos japoneses (1582-1590)» (pp. 207-276), também se ocupa do encontro de povos, desta vez com os japoneses, que o *Dialogus* de Duarte de Sande nos revela.

Os portugueses chegam ao Japão em 1543; em 1549, S. Francisco Xavier, o grande missionário do Oriente, introduz o Cristianismo. Enviado pelo rei D. João III, embarcou em Lisboa a 7 de Abril de 1541. Faleceu nas costas da China em 1552. Trinta anos depois, a primeira missão de japoneses parte à descoberta da Europa.

Quatro adolescentes, com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos, partem da cidade japonesa de Nagasáqui, a 20 de Fevereiro de 1582, em representação de três soberanos locais convertidos aos Cristianismo pelos Jesuítas («A missão japonesa – 1582-1590», pp. 221-226).

Esta delegação, que compreendia ainda o padre Diogo de Mesquita, S. J., com funções de intérprete, foi organizada pelo Visitador da Companhia no Oriente, o padre Alessandro Valignano, seguido do padre jesuíta português Nuno Rodrigues, principal do Colégio de São Paulo, em Goa. A missão desembarca no porto de Lisboa, na altura parte da Hispânia, no dia 10 de Agosto de 1584.

Encaminhados para Madrid, são recebidos em apoteose por Filipe II, rei de Espanha e de Portugal, no dia 12 de Novembro deste mesmo ano.

De Alão ou Alicante, dirigem-se para Livorno, em Itália, que alcançaram no dia 1 de Março de 1585. A caminho de Roma, visitaram Florença e Pisa, na Toscana.

Na cidade eterna, prestam obediência ao Papa Gregório XIII, a quem vêem suceder Sisto V, que os vai condecorar com as insígnias de cavaleiros.

De regresso à Lusitânia, a sua travessia em território italiano vai contemplar, entre outras localidades mencionadas, Ancona, Bolonha, Ferrara, Veneza, Pádua, Verona, Mântua, Milão e Génova, donde partiram de barco em direcção a Barcelona. Em Lisboa, ficam hospedados na casa professa de S. Roque, dos padres jesuítas. Como a viagem de regresso ao Oriente ficou adiada para Março de 1586, aproveitaram para visitar Coimbra no Natal («Os quatro fidalgos japões em Coimbra – 1585», pp. 249-258). As várias classes do Colégio das Artes, à semelhança do que aconteceu noutros colégios, saudaram-nos com a encenação de diálogos, na língua de Virgílio, sobre os motivos e aventuras desta viagem que os trouxe à Europa, prática corrente no Renascimento. Tamanha alegria pela chegada de varões tão ilustres extravasou os muros do Colégio, que a celebrou com a representação da tragédia *Ioannes Baptista* do padre jesuíta António de Abreu. A ela assistiu a Universidade e toda a cidade, nomeadamente as dignidades mais gradadas da sociedade civil, como podemos verificar em «Aspectos da vida escolar ibérica, segundo o *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romam Curiam*» (pp. 259-272).

O Reitor da Universidade de Coimbra era Nuno de Noronha, filho do conde de Odemira. Estes jovens japoneses fixariam a imagem inolvidável do majestoso

cerimonial da colação dos graus na sala dos Capelos, que aproximam de idêntica cerimónia por eles presenciada em Alcalá de Henares.

O P.^o Duarte de Sande dedica à cidade de Coimbra o colóquio trigésimo primeiro. Dos monumentos, citam-se o Mosteiro de Santa Cruz, dos cônegos regrantes de Santo Agostinho, o Convento de Santa Clara, a Sé Velha e os colégios universitários das diferentes ordens religiosas, na Rua de Santa Sofia. A concepção da ponte sobre o Mondego merece rasgado elogio. Por Coimbra também passou o famoso taumaturgo português, Santo António, que aqui ingressou nos Franciscanos. Este colóquio é uma homenagem ao Real Colégio das Artes, «um seminário de missionação do Brasil e da Índia», que D. João III entrega à companhia em 1555 por ter «compreendido quanto poderia a diligência dos padres da Companhia de Jesus na conversão dos pagãos à religião cristã».

De regresso a Lisboa, embarcam para a Índia no dia 12 de Abril de 1586. Só em Julho de 1590 chegam a Macau.

As vivências deste longo périplo estão registadas nas páginas dum livro, em forma de diálogo, cuja redacção estaria concluída a 1 de Setembro de 1589: *De Missionem Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam, rebusque in Europa ac toto itinere animaduversis Dialogus [...]*. Em português: *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana e sobre as coisas vistas na Europa e em toda a viagem, extraído do Diário dos próprios Embaixadores e vertido em latim por Eduardo de Sande, sacerdote da Companhia de Jesus. // (Impresso) no porto de Macau do reino da China na Casa da Companhia de Jesus, com permissão do Ordinário e dos Superiores no ano de 1590.* («Portugueses e japoneses no *Dialogus* de Duarte de Sande – 1590», pp. 227-248).

A tradução e comentário desta obra, publicada com este título pela Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Fundação Oriente (Macau, 1997), da autoria do Prof. Costa Ramalho, mereceu o «Prémio de História Calouste Gulbenkian – Presença de Portugal no mundo», referente a 1997, atribuído pela Academia Portuguesa de História.

A terminar, «Recentiora» (pp. 277-303) propõe ao leitor dois capítulos sobre a fortuna das línguas clássicas nos sécs. XVIII e XIX: «Um programa de exame de Grego da Reforma Pombalina» (pp. 279-292) e «Camilo e o latim» (293-303).

Entre 1759-1760, os Jesuítas foram expulsos de Portugal e dos territórios além-mar, pelo futuro Marquês de Pombal. Ironia dos tempos, em 1540, Portugal fora o primeiro país a solicitar a sua presença, por intermédio de D. João III. Inácio de Loiola envia-lhe Francisco Xavier e Simão Rodrigues.

Com a reforma pombalina, a *Arte de Gramática* de Manuel Álvares e a *Prosódia* de Bento Pereira, ambos sacerdotes jesuítas, são proibidas. Em seu lugar, uma das recomendadas é a *Gramática da Língua Latina*, de António Félix Almeida. A mais importante viria a ser, contudo, o *Novo Methodo de Grammatica Latina*, do oratoriano António Pereira.

Desta convulsão, regista-se o apoio dado ao estudo da língua grega, que sempre fora ensinada através do latim, o que muito fica a dever-se às Instruções de 1759, cujos desígnios didácticos se materializaram no *Novo Epitome de Grammatica*

Grega de Porto-Real, composto na Lingoa Portugueza para uso das Novas Escolas de Portugal, pelo aveirense João Jacinto de Magalhães, cuja edição data de 1760.

Os Jesuítas regressam a Portugal pela mão de António Ribeiro Saraiva, diplomata de D. Miguel em Londres, no dia 13 de Agosto de 1829. Estabelecem-se em Lisboa, na «Missão Portuguesa». Logo são expulsos, com a publicação do decreto de 28 de Maio de 1834, que extingue as ordens religiosas. Para sobreviverem, os frades secularizados dedicam-se ao ensino do latim, fundamento de toda a educação literária. Aprendem-no os jovens candidatos ao ensino superior, e não apenas os aspirantes ao sacerdócio, como se desprenderá das novelas camilianas. A familiaridade de Camilo Castelo Branco com o latim, cujos primeiros rudimentos aprende com o Pe António de Azevedo, duram «a vida inteira: latim clássico, latim da patrística, latim escolástico, latim macarrónico, e medieval, e cristão, e renascentista».

Livro para especialistas, de âmbito universitário, também é compreensível ao público culto, cuja leitura se recomenda vivamente. Faz-lhe falta um índice onomástico, que aparece nos dois volumes anteriores, a facilitar o seu manuseamento.

É um naco de História feita e redigida por portugueses na língua internacional do séc. XVI, a Língua Latina. É um testemunho empolgante do encontro de civilizações e culturas, com preocupações evangelizadoras e de tolerância entre os povos.

Marca distintiva dos grandes homens, a *humanitas* norteou desde sempre a investigação do mestre conimbricense. Prova disso são estas palavras suas: «Foi a Literatura humanística que, no séc. XVI, revelou ao Mundo o papel de Portugal nos Descobrimientos Marítimos e na Expansão Europeia. Recordando a Literatura em latim, cumprimos um dever de gratidão para com os escritores do passado e acentuamos um aspecto importante, mas esquecido, da Cultura Portuguesa».

Continua a faltar uma obra de síntese sobre a História do Humanismo em Portugal. Esta seria a melhor prenda que o Prof. A. Costa Ramalho poderia ofertar a discípulos e amigos do saber que o têm como referência última da cultura renascentista, baseada num conhecimento rigoroso dos textos latinos, que lhe servem de suporte.

António Maria Martins Melo

TERÊNCIO, *Formião*. Introdução, tradução do Latim e notas de Aires Pereira do Couto. Lisboa, Edições 70, 1999. Coleção «Clássicos Gregos e Latinos», n.º 19

A coleção «Clássicos Gregos e Latinos» das Edições 70 conta agora com a tradução de mais uma comédia latina: o *Formião* de Terêncio, representada pela primeira vez nos Jogos Romanos de 161 a. C., e que é, no dizer do seu tradutor, “uma das mais bem construídas no conjunto da obra de Terêncio”.